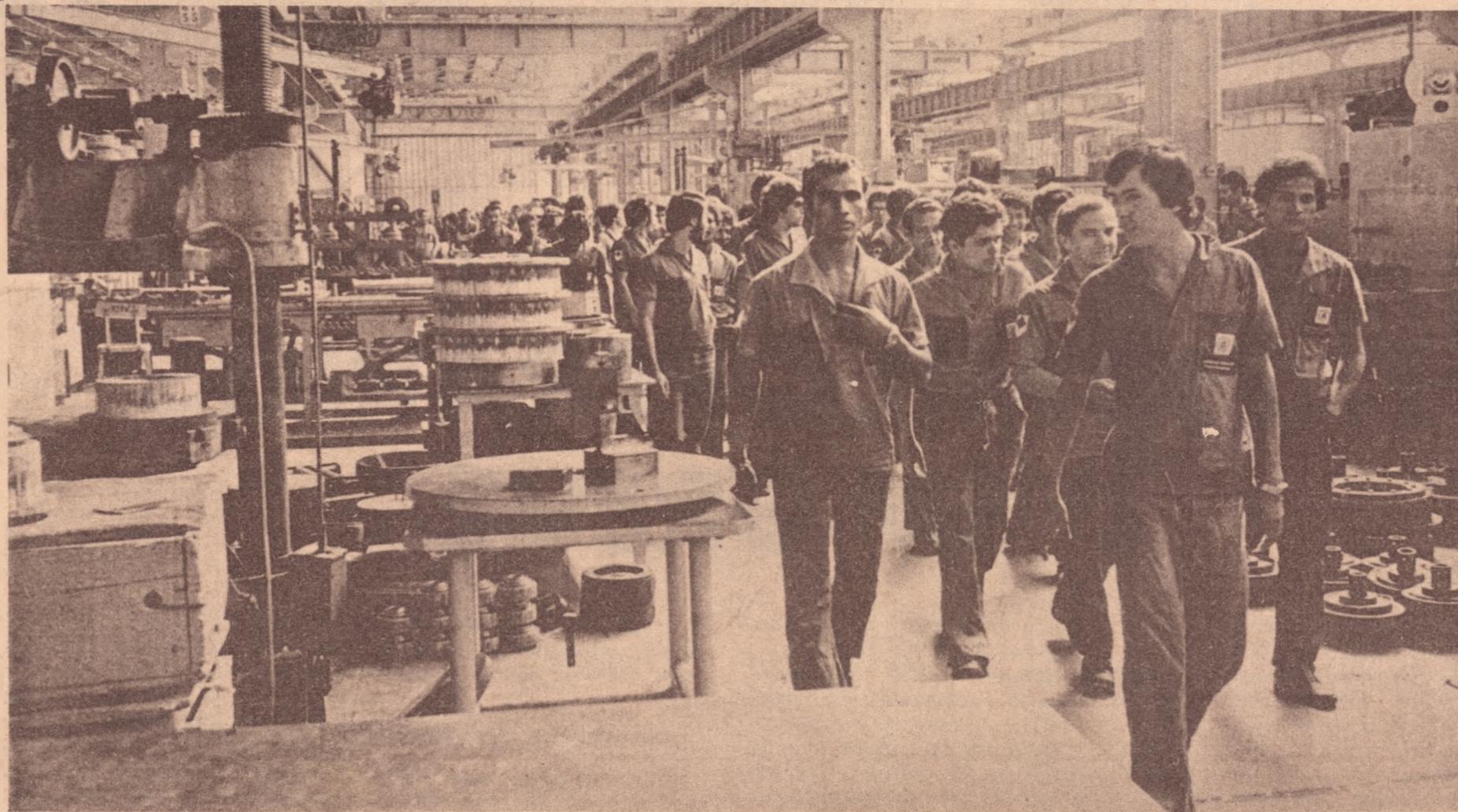


EDIÇÃO EXTRA

1º DE NOVEMBRO Cr\$ 2,00

[35/10/78]  
EM TEMPO:



Ennio Brawns

Na empresa Villares, as máquinas silenciaram, como em centenas de outras fábricas.

# A GREVE CONTINUA

Os 250 mil metalúrgicos grevistas não arredam pé da exigência de aumentos salariais de 70 a 74%, em São Paulo, Osasco e Guarulhos.

**A**s paralisações de trabalho nas fábricas de São Paulo, Osasco e Guarulhos entram hoje no terceiro dia. Mais de 250 mil metalúrgicos silenciaram as máquinas e exigem aumentos salariais de 70 a 74%. Mas esbarram na intransigência dos patrões, que chegaram a admitir uma mixaria de aumento de 58%, para quem ganha até três salários mínimos, mesmo assim descontando as conquistas salariais das greves anteriores de maio e junho.

Na noite de ontem, o presidente Joaquim dos Santos Andrade, do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, impôs ditatorialmente sua vontade de fazer na manhã de hoje uma votação secreta para devinir rumos do movimento grevista. Ele desrespeitou a vontade dos 30 mil

trabalhadores presentes, que fizeram a maior - e talvez a mais bonita - assembléia da história do Sindicato. A Oposição Sindical teme nova fraude, semelhante à que Joaquim cometeu contra ela nas últimas eleições para renovação da diretoria da entidade.

Também em Guarulhos, a diretoria sindical impôs sua decisão a uma assembléia de três mil metalúrgicos e haverá de manhã um escrutínio secreto. Já em Osasco, numa assembléia que ultrapassou o número de seis mil presentes, com muita gente na rua, deliberou-se sem polêmicas adotar o escrutínio secreto - tanto a diretoria da entidade quanto a Comissão de Salários.

As atenções de hoje estão voltadas para a atitude que o governo poderá to-

mar, através do Tribunal Regional do Trabalho, que marcou para as 14 horas o julgamento do dissídio coletivo. Até lá as três cidades já apuram os resultados da votação secreta, que, ao que tudo indica, deverá firmar pé na exigência de aumentos salariais de 70 a 74%, rejeitar a proposta patronal e a do governo, e persistir na greve.

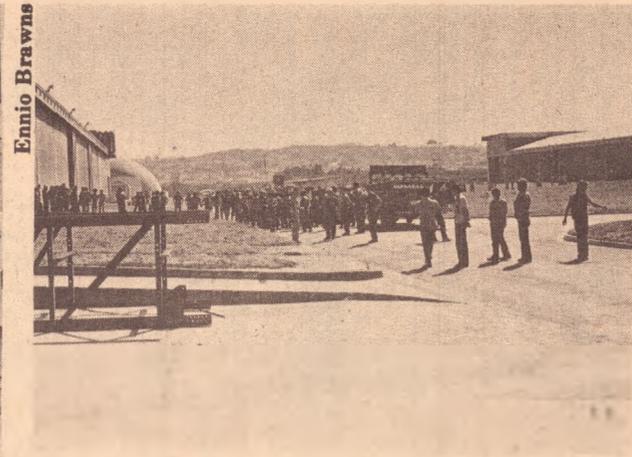
As Oposições Sindicais lançaram ontem um alerta para que todos os metalúrgicos dêem força na organização do movimento grevista, através das Comissões de Fábrica, dos Comandos Regionais de Greve, e do Comando Geral da Greve, que são instrumentos decisivos para a conquista das reivindicações salariais e a garantia para uma democratização crescente do movimento sindical.



A greve na Villares



Cobrasma, em Osasco.



Villares, São Paulo.

Balanço oficial dos sindicatos no primeiro dia:

# 250 MIL OPERÁRIOS EM GREVE

Segundo dados fornecidos pelos Sindicatos Metalúrgicos de São Paulo, Osasco e Guarulhos, 250 mil metalúrgicos entraram em greve no primeiro dia marcado para começar o movimento das paralisações que exige aumentos salariais entre 70 e 74% e o reconhecimento das comissões de fábrica. Número bastante aproximado (240 mil) foi reconhecido pelo empresário Theobaldo de Nigris, presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, Fiesp, na noite do mesmo dia.

Em São Paulo, pouco mais de 200 mil operários silenciaram as máquinas, principalmente nas grandes e médias empresas, embora inúmeras pequenas firmas tenham sido atingidas também. Alguns exemplos: **Caterpillar, Villares, Metal Leve, Massey Ferguson, Piratininga**, entre centenas de outras.

Em Osasco, de acordo com um quadro afixado no Sindicato, quase 20 mil trabalhadores aderiram ao movimento, na **Cobrasma, Brown Boveri, Braseixos, Ford**, e muitas outras menores. Já em Guarulhos, o número de grevistas ultrapassou a casa dos 30 mil, nas firmas **Asea Elétrica, Melti, Mannesmann** e outras 47, constantes de uma lista elaborada pelo Sindicato.

## Tranquilidade

Um repórter de **Em Tempo** acompanhou de perto o começo das greves na zona sul de São Paulo, onde se concentra grande parte das empresas metalúrgicas da capital, e seu

relato mostra que a paralisação em geral foi tranquila e realmente muito animadora para o movimento operário, conforme descreve a seguir.

A propaganda da decisão da categoria (de deflagrar a greve a partir de segunda-feira) iniciou-se já no sábado e na madrugada de segunda-feira, as comissões de greve se distribuíam pelas fábricas entregando boletins aos trabalhadores. Na **Caterpillar**, às 7 h, logo após a entrada, todos os operários já estavam parados, desfilaro pelo pátio interno da empresa com seus macacões azuis. Pela grade do pátio que dá para a rua, eles contavam que encontraram os avisos da turma da noite, bateram os cartões, tomaram o café e pararam. "Os chefes estão até gostando", diziam com ironia. Alguns carros, ao passar pela avenida das Nações Unidas, buzonavam e faziam gestos de apoio.

As largas portas da **Villares** também deixavam ver cenas semelhantes. Sentados ao lado de seus respectivos instrumentos de trabalho, mais de três mil operários se mantinham de braços cruzados. De repente, no galpão principal, por entre guindastes e escadas rolantes, começou uma passeata silenciosa, passando pelos galpões, e engrossava mais e mais.

Numa pequena empresa, a **Engersol Rand** os 150 empregados começaram o trabalho às seis da manhã, ameaçando fazer greve, mas sem muita firmeza ainda. No entanto, às

11 h, já estavam todos engrossando o movimento paredista pelos 70% de aumento salarial.

## Resistir às pressões

Estes exemplos, que repetiram-se pelas centenas de outras fábricas durante todo o primeiro dia, sustaram a produção. Pela noite, na primeira reunião de balanço do movimento no setor sul, já se tinha os primeiros informes sobre as reações dos patrões. Numa atitude quase que conjunta, a tática empregada foi a suspensão coletiva de trabalho a partir de terça-feira, demonstrando clara intenção de esvaizar a greve. Empresas como **Telefunken, Metal Leve, Burroughs, Massey Ferguson, Villares** e outras utilizaram-se desta forma de pressão. Outras, como **Amortex** foram mais longe estendendo a suspensão por dois dias, devendo os operários voltar a trabalhar só na segunda-feira, devido aos feriados de começo de novembro.

"Isto não tirou o ânimo do pessoal", garantiu um dos participantes da reunião, anunciando que toda a categoria deveria lutar contra estas punições.

O ânimo dos trabalhadores é revelado quando se conhece suas reações às primeiras pressões patronais. Na **Massey Ferguson**, "às 8:30 h cortaram todas as linhas telefônicas internas, mandaram fechar o restaurante e, até às 11h já haviam circulado entre os grevistas duas cartas de ad-

vertência. Mesmo assim, o pessoal continuou de braços cruzados".

Uma comissão de empregados da **Engersol Rand** foi chamada pela diretoria da empresa, quando se iniciou ali a paralisação. Os trabalhadores não aceitaram a idéia e os patrões tiveram que fazer suas ameaças a todos conjuntamente. O dia 31, é a data do pagamento naquela fábrica, no entanto, devido a greve, os empregados não veriam seus salários, nem tampouco seu almoço. "A resposta do pessoal, conta um metalúrgico, foi voltar quieto para perto das máquinas e continuar parado. E já estão ameaçando fazer um dia a mais de greve, caso seja suspenso realmente o pagamento".

Na **Telefunken** a ameaça foi semelhante. Perderiam o domingo, o feriado e o pagamento no dia 10, caso continuassem parados. E continuaram.

A Comissão de Fábrica existente na **Caterpillar**, reconhecida desde a greve do meio do ano, foi chamada pela diretoria da empresa para conversar. "Nós já temos experiência da outra vez, e só fomos chegando, batendo o cartão e indo para o pátio. A empresa disse que, por eles, fariam o acordo mas a Comissão se recusou a negociar. Nós achamos que fazemos parte de uma categoria, é por ela que estamos paralisados, e o pessoal está disposto a ficar em greve até toda a categoria conseguir o seu aumento".

# JOAQUIM NÃO RESPEITA DECISÃO DE 30 MIL

Da Praça da Sé ouvia-se o coro das conclamações gritadas pelos trinta mil trabalhadores que se comprimiam em duzentos metros da Rua do Carmo, em frente ao Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, na noite de terça-feira, dia 31, bem no centro da capital.

"Greve! Greve! Setenta! Setenta!", era a vontade geral claramente manifestada pelos operários. Através das faixas, as reivindicações principais dos metalúrgicos, como as "comissões de fábrica" e o aumento de "70 por cento ou greve", eram levantadas.

"Olê, olá, os metalúrgicos tão botando prá quebrar", entoava a marcha.

Dada a notícia de um companheiro preso, a resposta da categoria foi imediata: "Solta! Solta! Queremos liberdade!".

Um metalúrgico da Oposição Sindical lembrou, no microfone, seus companheiros da necessidade de um fundo de greve, em vista de alguns patrões já terem retido pagamentos hoje e ameaças de outros tomarem atitudes semelhantes. O plenário acolheu com entusiasmo a idéia do companheiro: "Os operários decretam a greve. Os operários sustentam a greve!", concluiu ele, falando do alto de uma janela, onde havia sido improvisada a "mesa" dos trabalhos da assembleia.

Oradores se sucediam, os olhares convergiam para aquele ponto, de onde partia um potente sistema de som e iluminação bem forte. Aguardava-se tensamente a chegada de membros da diretoria do sindicato, junto com representantes da Comissão de Salário. Eles haviam se dirigido no começo da tarde à Federação das Indústrias de São Paulo, Fiesp, para nova tentativa de negociação com os patrões. Lá foram interrompidos todos no meio da tarde com uma convocação do Tribunal Regional do Trabalho, que lhes apresentou uma proposta de "conciliação": 43% de aumento salarial, isto é, o índice fixado pelo governo, descontados os aumentos concedidos durante as greves do meio do ano. A ousadia do governo, através do Tribunal foi tanta, que um empresário chegou a dar uma gargalhada neste momento... Terminado o encontro no Tribunal Regional do Trabalho, empregados e patrões continuaram as tentativas de negociação direta, e o resultado era aguardado então pela assembleia.

## Joaquim bota as mangas de fora

Desta vez, Joaquim dos Santos Andrade, o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo há nada menos que 14 anos, subiu na janela, pegou o microfone e foi aplaudido, ao contrário da última assembleia, de sexta-feira, quando só recebeu vaias.

Ele voltava da reunião com os patrões, na qual os representantes dos trabalhadores das três cidades, receberam uma nova contra-proposta. Joaquim tentava pausadamente explicar, mas era interrompido pelo coro de "queremos setenta", e "mi-

*O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Joaquim dos Santos Andrade, não acatou ontem à noite a vontade da maior assembleia da história da entidade e decidiu da sua própria cabeça fazer uma votação secreta hoje pela manhã para saber se a categoria aceita ou não as propostas dos patrões e do governo. Sucessivas vaias não convenceram Joaquim de que ele estava agindo ditatorialmente. Os 30 mil metalúrgicos presentes decidiram continuar em greve e não arredam pé dos 70% de aumento salarial.*



xaria, não", pronunciado pela massa que erguia os braços e apresentava os cinco dedos da mão direita, somados aos outros dois da esquerda, numa referência à reivindicação dos metalúrgicos.

A contra-proposta patronal era de aumento de 58% para quem ganhasse até três salários mínimos, 54% entre três e seis, e 50 de seis a dez. Haveria desconto das conquistas salariais das greves de maio e junho. Além disso, piso salarial de Cr\$ 2.520, bem longe dos três salários mínimos reivindicados, e uma antecipação de 16% no ano que vem. Os empresários rejeitaram a estabilidade das comissões de fábrica. Cada proposta apresentada, a grande assembleia já ia rejeitando pelas vaias.

Mas Joaquim parece não ter ficado contente com a decidida manifestação dos 30 mil presentes. E anunciou que no dia seguinte, na manhã de quarta-feira, faria uma votação com cédulas sobre o assunto, o chamado escrutínio secreto, ao qual os metalúrgicos deveriam comparecer ao sindicato para votar.

A partir daí, a assembleia entrou nos seus momentos decisivos e mais esquentados. A Oposição Sindical contestou Joaquim dos Santos Andrade, que mais uma vez botava as mangas de pelego para fora, tentando manobrar. Eis um resumo do diálogo, transcrito do gravador (todos os oradores são membros da Oposição Sindical, exceto, é claro, Joaquim e José Maria):

**"Aço, Aço, Aço, aqui, não tem palhaço!"**

**Bira:** Atenção, atenção companheiros, vocês querem a votação agora ou amanhã?

**Assembleia (em coro):** Agora!

**Clovis:** Eu queria perguntar ao Joaquim, se essa assembleia autorizou que a votação fosse feita amanhã?

**Assembleia (em coro):** Não!

**Clovis:** Nesse sentido só nós resta deflagrar a continuidade desta greve, já, companheiros! Gritos e aplausos fortes da assembleia)

**Vito:** (irônico) Recebemos aqui uma bela aula de democracia, pois toda proposta tem que ser aprovada pela assembleia. Em todas as assembleias, todos tem direito de fazer propostas. Eu faço uma agora, que se ponha em votação democraticamente: exijo, agora votação!

**Assembleia (em coro):** "Queremos votação! Queremos votação!"

**Joaquim** (com dificuldade para falar pois recebe vaias furiosas): a decisão da votação amanhã é uma decisão da diretoria e nós assumimos a responsabilidade, pois temos que que apresentar ao Tribunal do Trabalho uma resposta à proposta que nos foi feita.

**José Maria Vicentino** (da diretoria do sindicato): As manifestações aqui são somente no miolo, dos lados não dá para confirmar (qual é a opinião? Amanhã todos trabalhadores tem o direito de votar conscientemente. Aquele que estiver favorável vota conforme seu desejo e não por influência de um grupinho de pessoas. (vaias).

**Cleodon:** Vamos fazer o teste para desmascarar isto. O pessoal deste lado levanta a mão se está ouvindo. (à direita, centenas de braços se erguem e a operação se repete para o lado esquerdo, afirmativamente). Eu agora vou entregar o microfone para o Joaquim para ver se ele põe em votação ou não. (A assembleia insiste: "setenta! setenta!")

**Joaquim:** (agressivo): "é prerrogativa e obrigação de uma diretoria encaminhar formas de votação, e ela será por escrutínio secreto. Ponto pacífico, tem que votar aqui, não vou na votação de oba-oba não moço!"

**Assembleia (em coro retruca):** O,

sindicato é nosso! o sindicato é nosso!

**Joaquim:** O sindicato não é meu, nem é do Zé Maria, e nem do Cleodon, nem de ninguém. É da categoria. A greve continua e os companheiros tem obrigação de continuar em greve amanhã.

**Assembleia (em coro, rebate):** "Aço, aço, aço! aqui não tem palhaço!"

**Joaquim:** "Ninguém esta dizendo que vocês são palhaços, eu não disse isso".

**Flores:** Para evitar que amanhã digam que foi meia dúzia de badeneros que veio aqui para votar a greve, amanhã todo mundo vem aqui para votar, às sete da manhã! (Gritos e aplausos favoráveis da massa).

## Democracia operária

Joaquim encerra a assembleia, novamente debaixo de vaias, quando já começava a receber bolas grandes de papel atiradas lá debaixo, e ao saber que dezenas de metalúrgicos forçavam a porta de entrada do sindicato, então fechada.

Diante da imposição ditatorial do pelego Joaquim, não restou aos trabalhadores buscarem sua própria forma de organização. Uma segunda assembleia, com mais de mil metalúrgicos que subiram para o auditório do segundo andar do Sindicato, começou então: "agora está instalada a verdadeira democracia operária. Lá, aprovou-se depois de vários discursos, por maioria, a participação na votação (escrutínio secreto) de quarta-feira. Todos os participantes da assembleia assumiram o compromisso de trazerem o maior número possível de operários para a votação. Pois, como ressaltou um dos membros da Oposição Sindical, já escaldada com os processos eleitorais anteriores, "todos sabem que as urnas do Joaquim não tem fundos"...

# "VAMOS TODOS FORMAR COMISSÕES DE FÁBRICA"

Esta afirmação é de Anizio Batista de Oliveira, um dos metalúrgicos que lidera a Oposição Sindical de São Paulo. Veja aqui a entrevista que ele concedeu, explicando as melhores formas de organização dentro das fábricas.



Niels Andreas

Durante o movimento grevista de maio e junho na capital paulista, a primeira vitória dos metalúrgicos ocorreu na fábrica Toshiba. Lá trabalhava Anizio Batista de Oliveira, na época candidato pela Oposição Sindical à presidência do Sindicato, na Chapa 3. Depois de cinco dias parados, os operários negociaram diretamente com a comissão de 18 membros, da qual Anizio participou. Nós fomos entrevistá-lo para conhecer a experiência. Eis a conversa com Anizio:

Hoje está todo mundo falando em formar Comissões de Fábrica para conseguir o aumento dos 70% no salário. Anizio, você, que já participou de uma Comissão de Fábrica, podia explicar o que é e como funciona?

É muito simples. Vou contar a minha experiência lá na firma Toshiba. A greve em maio se deu em função do salário baixo. Teve influência o movimento grevista que começou na indústria de automóveis de São Bernardo. Pelo fato de eu estar participando da Oposição Sindical de São Paulo, o pessoal da Toshiba vinha me procurar e perguntar o que estava acontecendo. Eu respondia que para conseguirmos melhorar o salário, era preciso formar uma Comissão de Fábrica, isto é um grupo de trabalhadores que representassem o conjunto dos trabalhadores da Toshiba perante a empresa.

E o pessoal cismou de fazer greve. Pararam três seções: a

usinagem, prensas e rolamento de motor. Com essas paradas por duas horas, fatalmente as outras seções terminariam por desligar as máquinas. E foi o que aconteceu no dia 26 de maio, às 9h, uma sexta-feira.

E qual foi a reação dos patrões?

O gerente de produção assustado ia passando de máquina em máquina de seção em seção, perguntando porque o pessoal estava parado. Ninguém respondia, mas todo mundo comentava "acho que é por aumento".

Logo os homens me chamaram, sabendo que eu era da chapa da Oposição Sindical.

Eram os gerentes e perguntaram para mim porque é que tava todo mundo parado. Eu retruquei que fossem perguntar para a fábrica toda. Eles mudaram de conversa e disse-

ram que só queriam um meio de entrar em contato com os trabalhadores da fábrica. Voltei, os companheiros discutiram e resolveram formar uma primeira Comissão. O que terminou ocorrendo é que todo mundo foi para o refeitório participar de uma Assembléia.

O advogado da firma estava lá e foi dizendo que a greve era ilegal, que devíamos encaminhar as reivindicações e depois voltar ao trabalho.

E vocês aceitaram essa imposição?

Não. Eu, por exemplo, fiquei indignado e disse: muito bem, a lei 4330 diz que fazer greve é ilegal, mas ganhar salário de fome e pagar aluguel alto não é ilegal? E os companheiros da fábrica concordaram comigo.

O homem perdeu a segurança, foi embora e a gente continuava firme. Aí todo mundo co-

meçou a falar em reivindicar. Depois de algum tempo a gente concluiu que eram quatro as reivindicações básicas: 21% de aumento, melhorar a comida, segurança e higiene e convênio médico.

Foi exatamente aí que surgiu a Comissão de Fábrica.

Era preciso escolher alguém para falar com os patrões e a Assembléia escolheu 18 companheiros para representar os trabalhadores. E também decidiu-se que não se voltava a trabalhar sem que a gente conseguisse as reivindicações.

Todo mundo voltou para as máquinas silenciosas, e a comissão ficou ali defendendo os quatro itens. Até quarta-feira repetiu-se a mesma coisa: a comissão ia falar com os patrões, eles não propunham nada de concreto e mandavam a gente voltar a trabalhar para depois conversar. Mas a Comissão de Fábrica voltava e falava com o pessoal, e eles decidiram não voltar a traba-

lhar, enquanto a Toshiba não apresentasse nada de concreto.

Mas como foi que resolveu este impasse?

Nesse mesmo dia, depois de ter ameaçado de acabar com a comissão, os patrões foram à Delegacia Regional do Trabalho, controlada pelo governo. Chamaram o sindicato. O sindicato se negou a fazer acordo porque "ninguém tinha chamado".

Eles chegaram da DRT com uma carta do delegado Vinicius Ferraz Torrez, mandando a gente trabalhar e com duas opções: chamar o sindicato para servir de mediador ou então a Comissão ia negociar até o final, sem a interferência de ninguém. E a partir daí ficou só a Comissão.

Os empresários começaram então a propor coisas mais concretas. Primeiro 5% de aumento, mais 5% de antecipação. Mas o pessoal estava

firme. Daí continuou o impasse. Na quinta-feira à tarde eles chegaram aos 10% de aumento e 5% de antecipação.

Os trabalhadores já haviam decidido ceder um pouco e baixar para 15% para suspender a greve, começar a trabalhar e discutir o resto. Na sexta-feira cedo os homens chamaram pra conversar e se viu que estavam dispostos a chegar a um acordo porque a produção estava atrasando e eles já estavam pagando multa. Então, a gente propôs 10% sem desconto naquela hora, e mais 5% no mês de julho, e o resto para conversar depois. Eles foram conversar com a diretoria, e a comissão com o resto da fábrica. Depois eles nos chamaram e reconheceram "você foram muito firmes não tem jeito mesmo", e deram o aumento.

Pediram que a comissão ficasse fixa para discutir reivindicações. E deram, de boca, garantia de emprego pro pessoal da Comissão.

Como você avalia o significado dessa experiência?

No programa da Oposição Sindical está claro que é preciso formar Comissões de Fábrica. Só elas podem dar vida ao movimento sindical. É no sindicato que a categoria metalúrgica deve se organizar para lutar por melhores salários e por melhores condições de trabalho. Mas para ter um sindicato forte é preciso ter Comissões de Fábrica. Elas é que sustentam a luta pelas reivindicações dos trabalhadores e são elas que vão exigir que a diretoria do sindicato atue conforme o interesse da classe. É preciso também, com a multiplicação das Comissões de Fábrica, que elas troquem experiência e criem laços entre si. Sem as comissões de fábrica o sindicato não é representativo, é só burocracia e assistencialismo. Os trabalhadores estão procurando liberdade o mais rápido possível, e nisso está incluído a formação de Comissão de Fábrica.

## JÁ EXISTEM MAIS DE 200 COMISSÕES RECONHECIDAS

O empresário Paulo Francini, um dos que está liderando os patrões nas negociações diretas na Federação das Indústrias, Fiesp, declarou semana passada que já existem mais de 200 Comissões de Fábrica funcionando em São Paulo, Osasco e Guarulhos, orgina-das quase todas durante as greves de maio e junho.

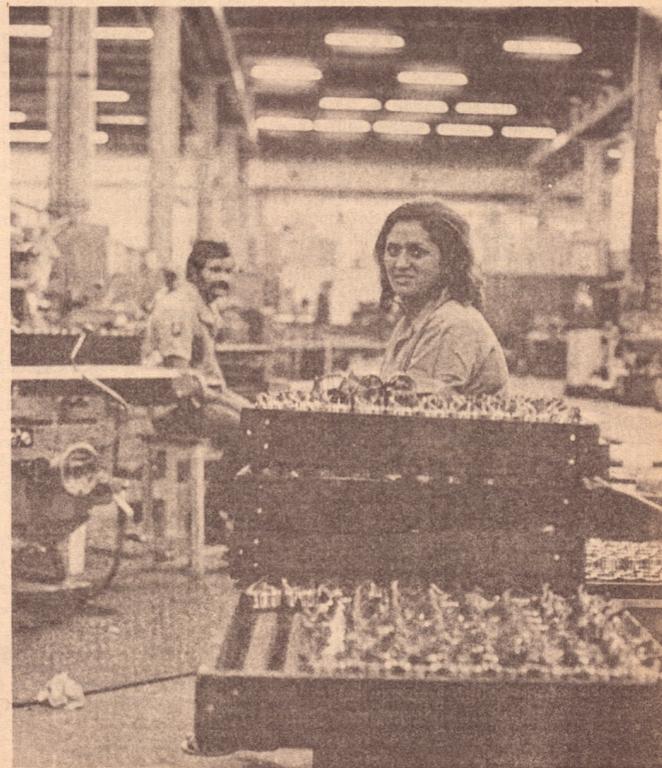
Este reconhecimento público por parte de um empresário mostra que as Comissões de Fábrica vieram mesmo para ficar. Tanto é que eles admitiram, depois de pressionados pelos sindicatos, debater a formação das Comissões, através de um Grupo de Trabalho que vai estudar e propor normas de funcionamento para elas.

Por outro lado, essa luta pela organização no interior das fábricas atinge contornos maiores. Recentemente, os participantes do III Congresso

do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema decidiram travar luta a nível nacional para incluir na Constituição Federal o reconhecimento das Comissões de Fábrica, eleitos por votação direta e com estabilidade no emprego assegurada a um ano após o seu término.

De acordo com a legislação trabalhista vigente apenas os diretores do sindicato, em número nunca superior a 24, gozam da estabilidade.

Assim, a conquista da estabilidade no emprego, ou seja, a garantia que o trabalhador tem de que não será mandado embora se defender seus próprios direitos e os dos seus companheiros participando de uma Comissão de Fábrica, é uma das reivindicações centrais que o movimento sindical vem fazendo.



Emilio Bravins

## "É PRECISO GARANTIR ESTABILIDADE NO EMPREGO"

Quatro perguntas que você gostaria de fazer a respeito das Comissões de Fábrica são respondidas aqui pela Oposição Sindical de São Paulo. Trata-se de um resumo de uma tese que foi apresentada num congresso de metalúrgicos de São Bernardo, no começo de outubro.

1. Como surgiram as Comissões de Fábrica em São Paulo?

Quando começaram as greves os patrões não queriam falar com todo mundo junto em assembléia dentro da fábrica e nem tão pouco que fossem todos que decidissem. Não sabiam inclusive com quem falar para negociar.

Os patrões queriam falar com poucos e ainda por cima queriam que estes poucos decidissem por todos. Em muitos lugares só a assembléia, feita durante a greve, decidia. Em outros só a Comissão. Vimos que nos lugares que a comissão só negociava e a decisão era de todos a luta foi mais firme. Nas fábricas onde as Comissões decidiam por conta

própria a firmeza não foi a mesma. Por esta razão achamos que: a Comissão deve negociar e só a assembléia de fábrica decidir!

2. Quem eram os participantes das Comissões de Fábrica?

Todo mundo participou. Do faxineiro ao ferramenteiro. E por isso todos os problemas dos trabalhadores foram vistos, alguns reivindicados na luta.

A experiência mostrou que quanto maior for o número de seções representadas na Comissão maior é a garantia de que todos os problemas serão enfrentados. Isto mostra que: na Comissão de Fábrica devem estar representadas todas as seções!

3. Como foi o comportamento das Comissões de Fábrica?

A maior descoberta das Comissões foi que sua força aumentava muito a cada assembléia geral feita dentro da fábrica. Outra lição tirada por algumas Comissões foi que quando algum representante falha, tem que ser substituído por outro eleito. Os melhores resultados foram obtidos quando a Comissão foi formada por companheiros eleitos livremente em todas as seções. Os piores resultados foram das fábricas onde as Comissões foram indicadas pelos chefes ou através de votações mal feitas. Devido a isto achamos que: os representantes de seções devem ser eleitos livremente e serem substituídos a qualquer momento desde que seja esta a vontade de quem os elegeram!

4. A Comissão só serve durante a greve?

Não! Todas as greves que fi-

zemos terminaram com aumento de salário. Isso foi uma vitória. As outras reivindicações foram deixadas para resolver depois, entre a comissão e a empresa. Ganhamos um aumento e algumas melhoras, mas isso não significou a solução dos nossos problemas. Temos que manter nossos companheiros da comissão sempre firmes para enfrentar os patrões. Isso só pode se dar com: a estabilidade para as comissões e com assembléias periódicas nas fábricas onde todos os companheiros possam participar.

Em quase todas as greves em São Paulo, as Comissões de Fábrica mantiveram sua independência e autonomia frente ao Sindicato. Isso para os companheiros ficou bem claro. Porque: o lugar de atuação da Comissão é na Fábrica; a comissão é eleita pelos companheiros das seções; e quem controla a comissão é a Assembléia de Fábrica.

# Muito mais que intransigência: PATRÕES QUEREM DE VOLTA O AUMENTO ARRANCADO NAS GREVES DE MAIO E JUNHO

Nas negociações diretas da campanha salarial de 1978, os patrões adotaram a tática de tentar anular as conquistas salariais do movimento grevista vitorioso de maio e junho, quando quase 120 mil metalúrgicos de 132 indústrias arrancaram com o silêncio das máquinas aumentos e antecipações que variaram de 8 a 20%.

Nas reuniões realizadas na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, os empresários afirmaram decididamente aos sindicatos e comissões de salário que não pretendem dar novos aumentos reais àqueles operários que participaram das greves anteriores e conseguiram 13% ou mais. Quem conseguiu abaixo de 13%, receberia apenas a

parte complementar (por exemplo, quem teve aumento de 8%, ganharia agora um de 5%). Nada menos que 33% da categoria metalúrgica, exatamente aquele setor mais organizado e com mais disposição de luta, está incluído nesta faixa. Os empresários, neste caso, só "aceitam" dar o aumento fixado tradicionalmente pelo governo, como reajuste por causa da elevação do custo de vida, que será de 43%.

Os patrões apresentaram três contra-propostas às exigências dos trabalhadores, todas elas consideradas "verdadeiras migalhas", como acentuaram os sindicalistas que participaram das negociações. Eis o quadro:



Negociação direta entre os sindicalistas e os patrões.

## O IMPASSE SALARIAL DOS METALÚRGICOS EM 1978

### O QUE EXIGEM OS TRABALHADORES

São Paulo	70%
Osasco	74%
Guarulhos	73%

### O QUE OFERECEM OS PATRÕES

Contra-propostas	1*	2*	3*
Para quem recebe até 3 salários mínimos	50%	53,7%	56%
de 3 a 6 salários mínimos	48%	52%	52%
de 6 a 9 salários mínimos	índice oficial de 43% do governo	50%	50%
de 9 a 12 salários mínimos		48%	48%

## OSASCO

# "SEM ORGANIZAÇÃO, A GREVE NÃO SAI"

**Quem garante é o caldeireiro Zé Pedro, líder da Oposição Metalúrgica de Osasco. E diz mais: "Só com greves nós vamos conquistar o salário que nos foi roubado nesses 14 anos e acabar com essa repressão que é colocada sobre os trabalhadores", desabafou ele na assembléia de sexta-feira à noite que deflagrou movimento de paralisação, em Osasco.**



Raduan

Para os três mil metalúrgicos de Osasco, presentes na última assembléia da categoria, na sexta-feira, dia 27, a situação era bem clara: não podiam aceitar a esmola dos patrões. Com o Sindicato totalmente lotado e grande parte da categoria acompanhando as deliberações através de alto-falantes instalados na rua, os trabalhadores decidiram recorrer à única arma de que dispõem: a greve.

Aberta a assembléia pelo presidente do Sindicato, Henos Amorina, e apresentada a contra-proposta patronal (de aumento de 56% para quem ganha até 3 salários mínimos descontando o que foi ganho nas greves anteriores) os primeiros oradores falavam na intransigência dos empresários, que ofereceram índices que "não atendem nem um pouco as necessidades da categoria".

Mas foi com a intervenção do caldeireiro Zé Pedro, um dos mais destacados líderes da Oposição Sindical, que a disposição dos operários em levar a frente sua luta se mostrou ainda mais. Ele não fez um discurso, mas sim um diálogo com o plenário, que respondia quase que em coro,

demonstrando a unanimidade e firmeza nas reivindicações.

- "Os patrões querem tirar aquilo que nós conquistamos no meio do ano, através das greves, e eu vou fazer a proposta com a ajuda dos companheiros. O que nós temos que fazer com essa proposta dos patrões, companheiros?", perguntou Zé Pedro.

- "Greve! Greve!" era a resposta geral.

- "Prá fazer greve, o que é que nós temos que fazer, companheiros?", continuou o caldeireiro.

"União!", retrucou a assembléia.  
- "E como é que a gente se une?"  
- "Organizando!"  
- "Organizando aonde?"  
- "Nas fábricas. No sindicato."  
- "O que nós temos que fazer agora, companheiros?"

- "Comissões de greve!", gritou o plenário.

### O MOMENTO DECISIVO

Acentuando a necessidade de organização, Zé Pedro fez com que o plenário formulasse a proposta de Comissões de Greve por fábrica e de

um Comando Geral da Greve, que deveria se reunir logo após a assembléia. "Não basta só ter disposição de luta, não basta só ter vontade de fazer a greve. Se não nos organizarmos, uma greve não sai, companheiros, só com a greve nós vamos conquistar aquilo que nos foi roubado nesses 14 anos, e acabar com essa repressão que é colocada sobre os trabalhadores.", disse ele.

Outro ponto levantado foi o da responsabilidade dos elementos que integrassem essas Comissões, da necessidade do contato com os companheiros para que as decisões fossem de todos.

"Quem não tem pão toma água com açúcar, mas o patrão não vai ver nossas máquinas funcionando". Era o que afirmava um dos diretores

do Sindicato, garantindo que a diretoria estará lá, junto às bases, picando o cartão-de-ponto e cruzando os braços na frente da máquina.

O ponto mais alto e decisivo da assembléia foi quando Henos Amorina tomou o microfone para transmitir ao plenário a decisão de greve em São Paulo e Guarulhos. A aclamação foi longa e estrondosa, todos em pé atirando blusas e objetos para o alto, aos gritos de greve, greve.

Assim, Osasco também decretava oficialmente seu movimento de paralisação. Logo em seguida, vários grupos por empresa se formavam, elegia-se os elementos para uma Comissão Coordenadora ou Comando Geral de Greve e passava-se a discutir como seria dentro das fábricas, a partir da zero hora de segunda-feira.

## FORMADO O FUNDO DE GREVE

Doze entidades oposicionistas e instituições ligadas à igreja vão arrecadar dinheiro e coletar mantimentos para um Fundo de Greve, a fim de suprir as possíveis dificuldades financeiras que os metalúrgicos venham a sofrer durante as paralisações. Essa decisão foi tomada durante um ato público denominado "Luta Operária de Solidariedade", realizado na tarde de domingo em Osasco, no Salão Paroquial da Matriz Santo Antonio.

Entre os motivos da convocação do ato público, destaca-se o protesto contra o fato do caldeireiro Zé Pedro, ter sido demitido, algemado e preso, dia 13 numa manobra dos patrões e da polícia para afastá-lo da campanha salarial de 78. Ele tem estabilidade no emprego garantida pela Consolidação das Leis do Trabalho até março de 1978, pois já foi dirigente sindical. Agora, está afastado da empresa Brow Boveri, aguardando o desenrolar de um demorado processo na Delegacia Regional do Trabalho.



Momento histórico: Flores sobe na mesa...



... e garante a palavra para Joaquim deflagrar a greve.

## "Um, dois, três! Agora é a nossa vez!"

*A vitória dos 20 mil trabalhadores que fizeram a maior assembléia dos últimos tempos, no Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. E a derrota do presidente da entidade há 14 anos, Joaquim dos Santos Andrade, que por ironia teve a palavra garantida, pela Oposição Sindical.*

Foi a mais agitada assembléia ultimamente no Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. 20 mil trabalhadores compareceram às 19 h. do dia 27, sexta-feira, na rua do Carmo, mas apenas cinco mil conseguiram entrar no prédio, já que o auditório é pequeno. O resto ficou aglomerado na porta do sindicato, onde o trânsito foi obstruído.

Quem chegasse aquela hora nas proximidades já podia há cerca de 100 metros ouvir um rumor bem forte, que entoava: "greve! greve!", ou "desce! desce!", ou ainda "rua! rua!", numa exigência de que a assembléia fosse transferida para fora, conforme havia sido combinado na assembléia anterior, do dia 20, mas o presidente Joaquim dos Santos Andrade não cumpriu. Uma faixa esticada de fora a fora na rua pregava "liberdade de organização e expressão para os trabalhadores". Muitos metalúrgicos carregavam pequenos cartazes falando da necessidade de ir à greve e formar comissões de fábrica. Três operários subiram em cima de um carro estacionado e faziam discursos cada vez mais inflamados, entrecortados pelos gritos insistentes da massa.

Pelas escadarias, o clima era o mesmo. Chegar até o salão era praticamente impossível. Lá dentro, Joaquim Andrade tentava apresentar ao plenário qual tinha sido a contra-proposta dos patrões, feita durante as negociações

diretas na Federação das Indústrias de São Paulo. Mas a massa de trabalhadores, de pé, queria fazer uma assembléia unificada. "Desce! Desce!", "Rua! Rua!", eram também os gritos no segundo andar, onde cadeiras haviam sido retiradas. E não deixava Joaquim Andrade, que há 14 anos dirige a entidade, falar.

Na primeira fila, formou-se um cordão de braços dados que tentava levar para fora todo o conjunto da assembléia. O plenário, aos poucos, se enviazava pela metade,

mas persiste a agitação. Uma faixa escrita "Villares" é levantada. Ninguém consegue mais dirigir a palavra para a massa de trabalhadores.

Quem tenta descer as escadas, neste momento, para ganhar a rua, depara com uma passeata interna, no sentido contrário. Com o grito já furioso de "greve! greve!", centenas de metalúrgicos regressam ao plenário, que aos poucos se enche de novo.

### A deflagração

Naquela agitação total, ninguém sabe mais dizer que rumo as coisas vão tomar. No palco onde está a comissão de salários e a diretoria do Sindicato há somente tensão e expectativa. De repente, uma metalúrgico de camisa

xadrez sobe na mesa da direção e pega o microfone das mãos de Joaquim Andrade. Era Antonio Flores, um dos mais conhecidos participantes da Oposição Sindical e um dos seus iniciadores. A massa solta um grito de alegria e imediatamente faz silêncio. Flores reivindica que Joaquim Andrade deflagre imediatamente a greve. Joaquim é suspenso por muitas mãos ao lado de Flores, em cima da mesa, mas a massa não deixa que fale. E ele não consegue mesmo fazer uso do microfone, mesmo com os gritos de exigência de Flores: "deflagra! deflagra!". Neste momento, outro membro da Oposição Sindical pega o microfone e a assembléia volta novamente a fazer silêncio, cortando com gritos esparsos. Outro participante da Oposição Sindical faz o mesmo em seguida e anuncia que Joaquim Andrade vai fazer uso do microfone para decretar a paralisação. A massa explode, se antecipa, aos gritos de "greve! greve!".

Com a palavra garantida pela Oposição Sindical, só resta a Joaquim Andrade dizer que a manifestação significava greve. Novamente, ouve-se o delírio da assembléia. Estava tomada a mais importante decisão do movimento operário nos últimos anos.

"Um dois três, agora é a nossa vez!", "O sindicato é nosso!", eram os gritos que formavam o coro que ainda permaneceu por várias horas circulando alegremente pelos corredores, cantado por cordões de metalúrgicos que subiam e desciam as escadas do sindicato.



Os metalúrgicos exigem assembléia na rua.

# A MARCHA DA GREVE

Nos últimos 15 dias não se falava outra coisa nas fábricas de São Paulo, Osasco e Guarulhos. Nas conversas, nos banheiros, nas assembleias da categoria e nos bate-papo dos metalúrgicos, o assunto era um só: a greve. Era preciso parar as máquinas. Só assim podia-se conquistar um aumento salarial entre 70 e 74%, capaz de folgar um pouquinho mais o cinto, pois do jeito que a coisa está, "cada vez sobra mais mês no fim do salário", como dizem os próprios operários.

Sim, valia a pena correr o risco, ou como foi afirmado no Movimento do Custo de Vida: "é melhor morrer lutando, do que morrer de fome". Ficar calado era engolir a seco o magro aumento decretado pelo governo, de 43% para o mês de novembro, acrescentado de uma mixaria que os patrões queriam dar, para esvaziar as chances do movimento grevista, que antes de estourar já empolgava os metalúrgicos das três cidades.

## As lições dos operários

E outra coisa não deu. Estourou a primeira grande greve, da categoria, nestas cidades, pós 1964. Escaldados pelas experiências dos anos anteriores, os operários se negaram a ir ao dissídio coletivo comandado pela Justiça do Trabalho, que sempre esteve do lado patronal. Desta vez, eles exigiram fazer a negociação direta com os patrões e forçaram os empresários, que não abrem a mão nem para dar bom dia, a sentar frente a frente com eles, sem a presença de representantes do governo ou da Justiça do Trabalho.

Mas, os industriais mostraram na prática que estão dispostos até a vender sua alma ao diabo, menos diminuir seus lucros conseguidos com a super-exploração dos trabalhadores nos anos do "milagre brasileiro", ajudados pelas mentiras das estatísticas do governo em 1973 e 1974, e garantidos pela repressão violenta desencadeada contra as formas organizadas de atuação da classe operária, depois de 1964 e principalmente depois de 1968. A tática empresarial nesta negociação direta foi a de tentar anular as conquistas das greves de maio e junho, com o que não podem concordar os assalariados, que conseguiram na época aumentos de 8 a 20%, suados com a tensão das paralisações.

Os metalúrgicos aprenderam muito ao longo deste ano, tiraram lições dos movimentos que fizeram e muito têm para ensinar aos mais amplos segmentos da sociedade. Em primeiro lugar, eles chamaram a atenção para a necessidade de arrumar a Lei de Greve do regime militar, com o método mais direto, isto é, fazendo greves.

*Ei! você aí!  
Me dá um aumento aí!  
Me dá um aumento aí!  
Você vai ver  
Eu abaixo a produção  
Eu vou fazer greve  
até morrer.  
Me dá me dá, me dá!  
Me dá um aumento aí!*

*(escutada de um grupo de metalúrgicos com o ritmo da marchinha de carnaval "Me dá um dinheiro aí")*



Ennio Brawns

Em segundo lugar, demonstram que a classe operária necessita de conquistar na luta uma organização independente, ampla e sólida, que comece dentro das fábricas, passe pelos partidos autônomos e chegue até o Comando Geral dos Trabalhadores.

Em terceiro lugar, comprovaram que os sindicatos apesar de atrelados ao Ministério do Trabalho e amarrados pela camisa de força da Consolidação das Leis Trabalhistas, cujas normas de organização sindical foram inspiradas no fascismo de Mussolini, na década de 40, podem se tornar uma arma dos trabalhadores. O exemplo melhor é o da capital paulista, onde os metalúrgicos foram em massa ao sindicato, pressionaram a diretoria de Joaquim dos Santos Andrade, com

14 anos de peleguismo nas costas, a assumir a greve atual, comprometendo-a política e materialmente com a deflagração e organização da greve.

## Democratizar o sindicato

Neste particular, é fundamental destacar a atuação das Oposições Sindicais e dos setores operários mais combativos, que muito contribuíram para que a presença de milhares de operários nas assembleias se revertesse na incorporação mais decidida das diretorias sindicais. E também, destacar que a disposição para um trabalho conjunto, em favor da categoria, soube mais uma vez contrapor-se ao espírito grupis-

ta de isolamento, que só golpeia o movimento operário.

A greve geral da categoria prova também que os operários tomaram consciência de que não basta apenas ir ao sindicato para fazer um movimento ser vitorioso. Eles constatam novamente que sem organizar a paralisação tem menos chance de ser vitoriosa. Por isso formaram um Comando Geral da Greve, que visa direcionar o movimento e democratizar a tomada de decisões, pois não é apenas a diretoria sindical de 24 membros quem toma as deliberações do dia-a-dia, mas um núcleo ampliado que agrega também a Comissão de Salário e representantes eleitos pelos diversos setores fabris de São Paulo.

E mais: viram que para qualquer tipo de movimento ser vitorioso, precisa estar enraizado fortemente na linha de produção das fábricas. Por isso, a luta pela formação das Comissões de Fábrica, garantidas pela estabilidade no emprego, passa a ser um item de reivindicação tão importante quanto a conquista de aumento salarial de 70 a 74%. Uma prova disso é que as Comissões de Fábrica formadas por ocasião das greves de meio do ano - uma realidade que os patrões não podem mais ignorar, - ajudam hoje a sustentar a paralisação que começou com 250 mil metalúrgicos no primeiro dia.

Ainda há, porém, muito chão a caminhar. Para os metalúrgicos que estão em greve é questão de vida ou morte criar ou fortalecer as Comissões de Fábrica, dar um caráter permanente a elas, impedir que os patrões as desarticulem logo após a greve, como fez com algumas depois de maio. Só assim é possível impedir que centenas de lideranças combativas no interesse da classe operária (das quais Anízio Batista e Zé Pedro da Silva, ambos ex-candidatos à presidência dos sindicatos de São Paulo e Osasco, respectivamente, são uma expressão evidente), sejam demitidos pelos patrões como represália e defesa dos lucros.

Assim, a greve de outubro ajuda a clarear o perfil das lutas que interessam de mais imediato hoje aos trabalhadores. Não se limitam a recompor o poder aquisitivo do seu salário, ampliá-lo e atingir um padrão de vida mais digno. Mas é vital reconquistar os seus sindicatos, demolir a estrutura sindical fascista e substituí-la pelo sindicato livre, independente e enraizado nas fábricas. O direito de greve, a liberdade sindical, a negociação direta com os patrões, a garantia de estabilidade no emprego, são alguns dos sinônimos desse caminho. Que passa inevitavelmente pelo fim dos instrumentos de repressão do regime militar.

Um semanário nacional publicado pela Editora Aparte S/A.

Redação - Rua Matheus Grou, 57, Pinheiros, São Paulo, CEP: 05414 - Telefones: 280 - 47 59 e 853 - 66 80. Composto e impresso nas oficinas da PAT - Publicações e Assistência Técnica Ltda. Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto 412 Pinheiros (SP) - Tel - 368 9112.

Editor-geral: Jorge Baptista  
Diretor-Responsável: Robison Ayres

Diretores: Antonio de Pádua Prado Jr., Flaminio Fantini, Jorge Baptista, Robison Ayres, Tibério Canuto (diretor presidente).

EDIÇÃO EXTRA - 31 de outubro de 1978

Participaram desta Edição Extra: Ennio Brawns F., Niels Andreas Raduan (Fotos), Teresinha Vicente Ferreira, Samira Zaidan, Carlos Saverio, Tibério Canuto, Prado Jr., Sebastião Santos, Flaminio Fantini (coordenação e edição).  
Diagramação: Sergio L. Papi

# EM TEMPO!